

Luta pela terra causa tensão em Muniz Freire

Por Carlos Humberto Martins —
especial para A TRIBUNA

A luta pela posse de uma área de 210 alqueires no distrito de Vieira Machado, município de Muniz Freire, está colocando posseiros e proprietários da região sob um clima de crescente tensão.

Três empresários de porte relativamente grande estão reivindicando a propriedade da área e, segundo denunciam os posseiros e pequenos proprietários, contrataram um jagunço que "está querendo transformar o distrito num inferno".

BOMBAS

O jagunço é Aristides Rodrigues Pinto, atualmente residente em São José do Calçado. Há um ano e meio ele foi enviado à localidade de Ribeirão da Lage, no distrito de Vieira Machado.

Desde então, os posseiros e pequenos proprietários passaram a viver em clima de grande tensão, que está se refletindo em todas as atividades e, principalmente, na produção. Até a chegada do jagunço, eles viviam tranquilos. Agora, temem iniciar o plantio (de café, especialmente) "porque ninguém sabe se vai continuar tendo direitos".

O jagunço ameaça "tomar" uma área de 210 alqueires, que ele ainda não demarcou totalmente. De acordo com as informações de algumas vítimas sobre as ameaças, o sr. Aristides Rodrigues Pinto "sempre expõe uma pequena bomba, uma metralhadora e várias armas" à população com o objetivo de amedrontá-la e obrigá-la "à retirada".

APOIO DA JUSTIÇA

As autoridades locais e estaduais já estão plenamente informadas dos problemas causados pelo jagunço, mas, até agora, nenhuma atitude foi tomada no sentido de conter as arbitrariedades que ele vem praticando no distrito.

Segundo informam pequenos proprietários, o conflito ainda não se deu de forma mais violenta "porque o povo tem sido muito paciente. Mas a paciência da população do distrito já está esgotada".

De certo modo, Aristides Rodrigues Pinto tem contado com o apoio da justiça e das autoridades. Por duas vezes levou policiais ao local, em abril e agosto deste ano, com a permissão do juiz Antônio Maria Machado.

BATALHÃO DE ALEGRE

Em abril, o jagunço apareceu na localidade de Ribeirão da Lage, acompanhado por um destacamento do Segundo Batalhão da Polícia Militar, sediado em Alegre. O secretário da Segurança, Parente Frota, foi informado do fato.

Na segunda, isto é, em agosto, ele se fez acompanhar pela Polícia Civil, de Muniz Freire, Antúbia (distrito) e Alegre e de uma ordem judicial, expedida pelo juiz de Muniz Freire, Antônio Maria Machado.

Com o apoio da Justiça, tem sido mais fácil e aberta a atuação de Aristides Rodrigues Pinto. E maior o temor da população local, que, entretanto, não está disposta a entregar a área.

HISTÓRIA

Aristides Rodrigues Pinto, segundo as informações de pequenos proprietários e posseiros, "está a mando" de três empresários: os senhores Alberto Sagiore, mineiro de Juiz de Fora, proprietário de uma fábrica de conservas alimentícias; Francisco Farias, carioca, dono de uma fábrica de tecidos, e Juarez Campos de Oliveira, também mineiro, dono de uma imobiliária.

"O jagunço trouxe uma história complicada e velha", informa o dentista Antônio Salvador. "Ele reivindica a posse de terrenos já ocupados há 45 anos, a maior parte dos proprietários está com a condição de posse plenamente regularizada, de acordo com a legislação".

Conta o dentista que "há mais de 45 anos, Nicolau Louzada, que residia em Muniz Freire e era procurador do Antônio Monteiro da Gama, um grande proprietário na região, vendeu 410 alqueires de terras em Vieira Machado".

— Desse total, 210 alqueires foram adquiridos pela Deps Filho Companhia, que mexia com vendas de terras, café e outras coisas. O restante, 210 alqueires, foram vendidos aos senhores Alberto Sagiore, Francisco Farias, e Juarez Campos de Oliveira.

Ocorre, segundo a narração de Antônio



A PM é acusada de proteger atividades de jagunços

Salvador, que a área vendida aos três empresários "estava vazia e nunca foi reclamada, sendo ocupada por posseiros que, mais tarde, conseguiram do Estado o título de posse, sendo que alguns têm direito por uso capião".

TRANSFERÊNCIA

Quando às terras da Deps Filho, "foram vendidas e pouco a pouco ocupadas por diversos proprietários, que possuem plantações e exploram as terras com várias culturas".

"Eu comprei um terreno de 23 alqueires há nove anos do Isaías Thiengo, que havia comprado do José Antônio, que tinha adquirido da Deps Filho Companhia", explica.

Até o ano passado, "nenhum dos três empresários reclamou a área. Por um período de 45 anos, todos nós trabalhamos em paz, sabendo que a terra não é boa e mal dá para retirar o que colocamos, em adubo principalmente. Mas trabalhamos em paz".

O JAGUNÇO

O jagunço Aristides Rodrigues Pinto "apareceu reclamando, inicialmente, uma área de 66 alqueires, que ele diz ter adquirido de Francisco Farias. Pouco tempo depois, afirmou que vai tomar a terra de todo mundo já que tem "procuração" dos três empresários.

"Na região, ele começou com "reclamações" na Justiça de Muniz Freire conseguindo a complacência e o apoio das autoridades. O juiz do Município, por duas vezes colocou policiais à sua disposição "para amedrontar proprietários e posseiros, ameaçando matar toda a população de Vieira Machado", conforme as informações dos pequenos proprietários.

CHANTAGENS

O nome do juiz, de acordo com o que conta Antônio Salvador, é usado pelo jagunço como forma de "mostrar para a população, os posseiros e os proprietários, que a lei está a favor dele".

Mas, além disto, ele utiliza de outros métodos: mostra sempre aos moradores uma bomba tipo uma tábua, encapada com um couro grosso, metralhadora, revólveres 44, dizendo que a bomba pode matar toda a população e que, se o povo não sair dali, ele vai acabar soltando-a", fala o dentista.

Parte dos moradores está completamente amedrontada e também a cada dia mais revoltada. A revolta parte, principalmente dos pequenos proprietários e posseiros.

"São 300 famílias e 63 proprietários", esclarece Antônio Salvador. "A maior parte pequenos, com um, dois ou três alqueires de terra. Tem um lá que fala sempre: aqui meu título são esses dois rifles e meus filhos já estão atirando bem".

INTELIGÊNCIA

Aristides Rodrigues Pinto parece conhecer muito bem as pessoas com quem mexe, procura sempre demonstrar grande

segurança, pressionando por vários métodos.

Diz o senhor Antônio Salvador: "A mim, ele disse, sério: "Sua terra é muito boa, Salvador. Você não pode perdê-la. Eu te vendo barato."

Depois da medição realizada em agosto, o jagunço reclama uma área, que ele diz ter 53 alqueires, "mas que, na realidade, tem 82 alqueires e é pelo que agora luta mais".

"Lá, somos em cinco proprietários, sendo que a área foi adquirida da Deps Filho Companhia. Além de mim, tem o Aristóteles Gonçalves, Durval Maximo, Joaquim de Paula e Napoleão Zanoto.

ABSURDO

A reclamação do jagunço fica, por isto, ainda mais absurda: "ele está reclamando uma área comprada da Deps Filho Companhia, que não foi vendida nem ao Alberto Sabiuro, nem ao Francisco Farias e nem ao Juarez Campos de Oliveira.

E os proprietários, reagindo, já constituíram dois advogados, "um, o deputado Vicente Silveira e outro o Deusedeit Batista, secretário da Prefeitura de Cachoeiro", informou Antonio Salvador.

O objetivo do jagunço, contudo, parece ter sido o de espalhar o medo na região, o que ainda vem fazendo: "agora ele vai menos vezes lá e incomoda mais por aqui, mas ninguém quer plantar, mesmo estando na época de plantio, pois ninguém sabe qual será o resultado".

TRANQUILO

De certa forma, contudo, os cinco proprietários estão tranquilos, pois, "já apresentamos toda a documentação e os advogados afirmaram que ele não tem direito nenhum lá. Eu não estou com medo", diz o dentista Antonio Salvador.

Entretanto, ele chegou a "perder mais de oito quilos" por causa das ameaças de Aristides Rodrigues Pinto: "Quase fiquei doente da cabeça, pois não conseguia dormir direito".

"Trabalhei desde os dez anos de idade para hoje ter um pequeno terreno e não depender dos filhos, pois pai nenhum gosta de depender dos filhos. Quero morrer tranquilo e já pensou chegar, de repente, um vagabundo e tomar minha propriedade? Por muitos dias não conseguia dormir e me aborreci, muito, mas hoje já não me preocupo, pois sei que o Aristides é mentiroso, não tem direito algum. Quando ele aparece na cidade eu fecho meu consultório e venho para casa. Assim não fico aborrecido.

JAGUNÇO

Segundo afirmam proprietários e posseiros da região, Aristides Rodrigues Pinto "é pobre e não passa de um jagunço contratado pelos três empresários para incomodar a nossa vida aqui".

O problema ainda não foi superado e os moradores ainda não sabem o que fazer: "é tempo de comprar adubo, mas ninguém decide tocar a produção agrícola. Este ano, será ruim, ninguém vai colher muita coisa não".

O jagunço apresenta alguns documentos que, segundo ele, comprova a justeza de suas reivindicações pela posse da área, mas que, de acordo com o que disseram os advogados a proprietários e posseiros, não possuem valor algum.